V ENALLI
ENCONTRO NACIONAL
DE LÍNGUA E LITERATURA
CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO
UNIVERSIDADE FEEVALE

AS RELAÇÕES DE PODER E O HIBRIDISMO CULTURAL EM: *O NEGRO BONIFÁCIO* E *O NEGRINHO DO PASTOREIO* DE SIMÕES LOPES NETO

Jamile Cezar de Moraes[1] (Feevale)

Resumo
O presente artigo pretende abordar a obra do escritor gaúcho Simões Lopes Neto a partir do conto *O negro Bonifácio* e da lenda *O Negrinho do Pastoreio* a partir das relações de poder e do hibridismo cultural, mas também apresentando ideias sobre diversidade cultural, identidade e cultura. Pois se entende que o escritor estava à frente de seu tempo nas questões sociais, inclusive relacionadas à escravidão e ao papel do negro na sociedade, além de suas convicções a respeito do papel da literatura regionalista como parte essencial pela identificação da identidade brasileira. Dessa forma, a análise dessas obras a partir desses conceitos é uma forma de reler o autor com o olhar atualizado, tendo em vista que ainda hoje se vive dificuldades referentes às diferenças raciais, sociais e culturais no Brasil.
Palavras-chave: *O negro Bonifácio*. *O Negrinho do Pastoreio*. Relações de poder. Hibridismo cultural.

1 INTRODUÇÃO

Dentre as manifestações culturais, a literatura é uma representante que tem constantemente procurado seu lugar no mundo a fim de ser experenciada por mais adeptos, já que pela palavra escrita há a capacidade de provocar, imaginar, criar e retomar realidades diversas e sempre de formas diferentes. Nesse sentido, o presente artigo tem como tema central "as relações de poder e o hibridismo cultural presentes na literatura de Simões Lopes Neto", cuja intenção é retomar a literatura sul-rio-grandense a fim de provocar ou estimular

[1] Especialista em Assessoria Linguística e Revisão de Texto (Uniritter), Bacharel em Turismo (Feevale), Licenciada em Letras-Português (UFRGS). Atualmente é mestranda em Processos e Manifestações Culturais (Feevale) e guia de turismo em formação (IFRS), além de bolsista Fapergs.

outras formas de percebê-la e até valorizá-la enquanto representação da cultura gaúcha e integrante da cultura brasileira.

Para tanto, optou-se trabalhar as relações de poder e o hibridismo cultural presentes no conto *O negro Bonifácio* e na lenda *O Negrinho do Pastoreio*, de João Simões Lopes Neto (JSLN), tendo como motivação inicial personagens principais negros e a presença de questões sociais ainda não resolvidas na sociedade atual.

Como problema, tem-se: "De que forma é possível identificar a presença do hibridismo cultural e das relações de poder em *O negro Bonifácio* e *O Negrinho do Pastoreio*?", pois se trata de uma análise do texto literário com base nos conceitos apresentados e brevemente discutidos a partir de Bosi, Laraia, Lynn, Woodward, Freyre e Damatta, O objetivo geral é apresentar uma abordagem atual à literatura de JSLN, com base na análise do conto *O negro Bonifácio* e da lenda *O Negrinho do Pastoreio*. Tendo como objetivos específicos: contextualizar a literatura JSLN; e conceituar o eu e o outro, as relações de poder, a diversidade cultural, a identidade, a cultura e o hibridismo.

A realização deste artigo é uma maneira de tentar explorar alguns conceitos importantes a respeito do estudo da cultura por meio de textos literários anteriores a essas discussões, mas que podem apontar indícios da presença delas já naquele momento e naquele lugar, provocando, assim outra forma de perceber e ler a obra de JSLN.

1.1 A LITERATURA SIMONEANA

Como ponto de partida, JSLN (1865-1916) foi um homem plural, exerceu diversas atividades profissionais, desde empresário até militar, mas foi nas letras que permaneceu grande parte de sua vida, no caso, como jornalista em Pelotas, sua cidade natal. Foi como escritor que realizou sua melhor atividade, não se restringindo ao texto jornalístico, mas também ao teatro, aos contos e até aos textos educativos; dos quais, os mais reconhecidos até hoje são seus contos e lendas, sobretudo por fazer pela primeira vez e talvez da melhor

forma literatura sobre o sul do país, com originalidade, exclusividade e verossimilhança, pois tinha como o mais importante: "a identificação amorosa com a sua terra, a sua gente, as suas crenças, a sua fala" (CHIAPPINI, 1998 apud LOPES NETO, 2006b, p. 24).

Segundo Fischer (2004, p. 62), o segredo para o brilhantismo de JSLN estava "na estratégia narrativa e na linguagem", mesmo sabendo que o interesse maior do leitor seria no enredo, uma vez que José de Alencar não conseguira apresentar de forma fidedigna a vida rural do sul do Brasil em *O Gaúcho*. JSLN foi um homem urbano, mas viveu sua infância na estância da família, provavelmente período mais interessante, cujas memórias serviram de inspiração a toda uma obra que recuperou a vida e a fala do gaúcho, quase que escrevendo para ouvir e não para ler o que seu narrador, Blau Nunes, tinha para contar.

Do ponto de vista cronológico na história da literatura, JSLN está classificado como um pré-modernista, pois suas publicações são de 1910, com o *Cancioneiro Guasca*; 1912, com os *Contos Gauchescos;* e 1913, com as Lendas do Sul. No entanto, o escritor antecedeu em termos temáticos o que veio a ser o Regionalismo, que ocorreu pós-22. Nesse sentido, ele estava à frente de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, grandes nomes da literatura brasileira regionalista, como Bosi (1983, p. 233) aponta:

> [...] mostrar em que alguns dos nossos regionalistas precederam, em contexto diferente, o vivo interesse dos modernos para realidade brasileira total, não apenas urbana. Hoje, quando já se incorporaram à nossa consciência literária o alto regionalismo crítico de Graciliano Ramos e a experiência estética universal do regionalista Guimarães Rosa, é mais fácil reconhecer o trabalho paciente e amoroso de um Valdomiro e de um Simões Lopes, voltados para a verdade humana da província; e tanto mais convence esse esforço quando nele entrevemos, para além da fruição do pitoresco, a pesquisa de uma possível poética da oralidade.

Do ponto de vista crítico, parece difícil compreender como é possível um escritor do estado mais ao sul do país poder desenvolver um estilo literário que antecedesse o que de mais moderno viria a ter quase duas décadas antes. Contudo, para Aldyr Schlee (apud LOPES NETO, 2006b) isso foi possível porque "a literatura gaúcha é uma só, na temática comum e na utilização da linguagem do gaúcho traduzida no seu correspondente dialeto literário" (p.

21) – tanto na identidade como um todo, mas também nas suas diferenças particulares; ideias que se justificam "porque a literatura gaúcha é antes de tudo uruguaia, além de ser também argentina e um pouco nossa, brasileira. Isso porque o Uruguai é só gaúcho, gaúcho e gaúcho, enquanto a Argentina é muito gaúcha – e o Brasil só é gaúcho um pouquinho, no extremo do extremo-sul" (p. 22).

Em relação ao Brasil, o próprio JSLN justificou a sua intenção em um discurso proferido em Porto Alegre, no ano de 1911, o qual é possível perceber os motivos e também, de certa forma, como o Brasil erudito estava ou não preocupado com a região sul do jovem país independente e livre da escravidão:

> Por vezes, os nossos compatriotas distantes perguntam, envolvendo na indagação uma afirmativa:
> – O Sul... é estéril!... lá o minuano cresta a inspiração resfria a ebulição mental, criadora...
> Daqui, salvo fugazes e ruidosos cenáculos, cujos ecos aparamos, também interrogamos, dizendo:
> – O Norte!... o calor é dissolvente; amolenta e fatiga...
> E, nem uns nem outros temos razão bastante; somos preliminarmente ignorantes das nossas cousas, e – pejorativamente – descuidosos de conhecê-las, para amá-las. Não estabelecemos a permuta intelectual, não nos damos as mãos por sobre a distância, não confraternizamos, em suma (LOPES NETO, 2006b, p. 329).

A fala de JSLN apresenta a influência das diferenças geográficas entre o norte e o sul, além da questão climática, de forma irônica. Entretanto, é na continuidade do discurso que ele aponta o quanto ambos são ignorantes do que seria essencial da então cultura ou literatura brasileira. Com isso, é possível acreditar que o escritor tinha uma preocupação em não apenas tratar do que era específico de sua cultura, de sua experiência e da experiência dos seus, mas que a totalidade devia ser muito maior e que seria importante a "permuta intelectual" e esquecer a distância a fim de desenvolver algo genuíno e não trazido da Europa.

Nesse sentido, JSLN acrescenta que:

> É da literatura regional, típica e congraçada, que se há de formar a literatura nacional, intensa e imensa.
> É a literatura regional, espontânea, curiosa, entusiasta, ingênua, pundonorosa e ativa que formará a estrutura da página peculiar, que será, ao depois, do patrimônio comum. (LOPES NETO, 2006b, p. 330).

A partir das próprias palavras de JSLN pode-se refletir a respeito do papel da literatura e das manifestações culturais como um todo no desenvolvimento de uma identidade ou na busca por aquilo que retrata de forma fiel as diversas realidades brasileiras. Além disso, e também estimulando um olhar capaz de perceber as diferenças não como dificuldades, ao contrário, como necessárias e importantes na concepção de uma mesma nação e uma mesma pátria formada pela pluralidade, que é genuína e única em si mesma.

1.2 O EU E O OUTRO, AS RELAÇÕES DE PODER E A DIVERSIDADE CULTURAL

Importa retomar aqui algumas questões sobre o *eu* e o *outro*, principalmente relacionadas às relações de poder, pois, genericamente, o ser humano não reconhece o outro a fim de respeitar suas diferenças, muitas vezes subjugando-o ou, na melhor das condições tolerando-o. Como início a essa discussão, basta lembrar o que Todorov (1983) apresentou ao tratar da história da descoberta da América. O autor deseja abordar a sua descoberta em relação ao *outro*, uma vez que aquela descoberta histórica era apenas da terra e não da gente que já habitava o que viria ser o continente americano: “Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é eu também, sujeito como eu” (TODOROV, 1983, p. 3).

Para o autor, a conquista da América foi mote para apresentar uma discussão social muito maior ao dizer que: “é a conquista da América que anuncia e funda a nossa identidade

presente" (1893, p. 7), e vai além: "Somos todos descendentes diretos de Colombo, é nele que começa a nossa genealogia [...]" (1983, p. 7). Com isso, Todorov aponta para a dura certeza de que todos os americanos são vítimas e parte do colonizador, em maior ou menor grau, mas todos são frutos dessa conquista, desse abuso de poder e dessa dominação cultural. Com isso, pode-se chegar então a duas conclusões, uma que segue os passos de Colombo, que dá continuidade ao poder e ao desrespeito com o *outro*; e outra que não a aceita e busca discutir e criar outras formas de viver em sociedade, respeitando as diferenças, entendendo-as e não apenas tolerando-as, mas sendo solidário principalmente com as minorias.

Assim como na questão da identidade, a forma de estabelecer uma relação com o outro é partir de uma comparação, daquilo que um é e negando o que o *outro* não é, seja por gênero, cor, credo, orientação sexual, idade, língua, etc... De acordo com Todorov (1983, p. 3-4):

> Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo o indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os "normais". Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie.

Esse recurso foi utilizado em todos os processos de submissão através de algum tipo de colonização, seja no período das navegações até a opressão cultural e social que os Estados Unidos impõem cada vez mais. Nesse sentido, além de exigir uma apropriação cultural por parte do dominado, também há o poder que se estabelece quase sempre pela força, hoje através da riqueza, da fama, da aparência, mecanismos esses criados a partir do capitalismo.

Cada vez mais se tem pensado em mecanismos que tentam mudar a visão da sociedade para que a diversidade seja vista e compreendida como natural. As discussões a

respeito da dominação cultural europeia, inicialmente, e hoje norte-americana, mas também as ditas culturas "eruditas" em relação às populares ocupam os mais diferentes espaços da sociedade, pois se percebe a existência da pluralidade social, cultural, religiosa, etc. Para Arroyo, (2012, p. 110), há a necessidade da diversidade cultural se afirmar por que:

> Na medida em que os Outros se afirmam como sujeitos históricos, a diversidade cultural se afirma como uma constante histórica em nossa formação social, política, cultural e pedagógica. Uma constante que exige reconhecimento na história da cultura brasileira e latino-americana.

Dentro desse universo da diversidade cultural, cada grupo acaba buscando na história de seu grupo referências, principalmente para consolidar seu posicionamento interno e externo. Para tanto, a busca pela identidade acaba se fazendo necessária com a finalidade de unir e até aproximar mais indivíduos com as mesmas características. A esse respeito, a discussão segue até o entendimento de hibridismo cultural, tratando de identidade e representação no próximo item.

1.3 IDENTIDADE, CULTURA E HIBRIDISMO CULTURAL

Na formação do sujeito, a busca por referências é um processo natural e essencial, por meio desses valores, características e pensamentos que unem pares, formam grupos, etc., uma vez que o homem precisa se sentir parte de um local, uma família, um nome, a fim de se constituir como alguém baseado no passado. No entanto, o que se desconhece é que, segundo Woodward (2009), essa retomada ao passado acaba dando origem a uma nova identidade, e não mantendo aquela primeira, que mesmo assim servirá como referência cultural para o grupo se autoafirmar. Com isso, é possível perceber que o passado não se recupera plenamente, os valores e as ideias anteriores ganham um novo olhar conforme o papel social que o grupo exercer dentro do espaço em que vive e da necessidade que esses valores devem ter ao grupo.

Além dessa nova identidade, o processo se estabelece pela marcação da diferença através de sistemas simbólicos de representação, como também pelos meios de exclusão social, com base em Woodward (2009). Nesse sentido: "A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades" (2009, p. 14). Como também a autora aponta que a identidade não pode ser compreendida como oposição à diferença, ao contrário, ela é dependente da diferença. Pois é a partir da existência do *outro* que é diferente do *eu* que é possível enxergar a sua própria identidade, seus valores, suas crenças, sua língua.

Dentro da discussão proposta pela autora e por outros, como Hall, o sujeito tem vários papéis e também identidades porque cada vez mais o homem assume diversas funções sociais, as quais exigem posturas e valores diferentes. Com isso, o entendimento de uma identidade nacional não dá amplitude necessária em relação às diferenças de classe e gênero, por exemplo. Da mesma forma que Woodward apresenta a identidade constituída por três dimensões, uma psíquica, uma simbólica e uma social (2009, p. 15), o que consolida a ideia de que é bastante difícil identificar uma única identidade nacional, por exemplo.

Assim como há a busca por uma identidade única para cada nação o mesmo ocorre com a cultura, principalmente em nações plurais e constituídas por etnias diferentes, como é o caso do Brasil. Nesse sentido, parece que seria possível criar um "tipo brasileiro" único que representaria o país como um todo por uma série de fatores, desde geográficos, climáticos, mas, principalmente, por questões culturais e sociais. Dessa forma, Woodward (2009, p. 19) afirma que: "A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade". Com isso, fica ainda mais claro que ambas, a cultura e a identidade, estão relacionadas à subjetividade, além de a identidade estabelecer uma dependência em relação à cultura e à subjetividade.

A partir do entendimento a respeito de identidade, e de sua relação direta com cultura, se torna necessário tratar a respeito dos conceitos sobre esse assunto. Para tanto, tomou-se como norteador o conceito apresentado por Laraia (2008, p. 63) a partir de sua

leitura de Geertz: "[...] cultura é um sistema de símbolos e significados. Compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento". Com base em Laraia (2008), é possível perceber que o papel da cultura está ligado às questões da formação do sujeito que são fundamentais do ponto de vista social como do cultural, pensando na necessidade de o homem viver em comunidade.

Laraia (2008) também retoma a questão da diferença de forma que por meio dela é a maneira mais simples de distinguir culturas e identidades diferentes marcadas "por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica" (2008, p. 68). Com isso é possível retomar a ideia de que um país tão diversificado como o Brasil, cujas diferenças culturais se apresentam de forma evidente, principalmente na variedade de manifestações culturais, cada vez mais segmentadas e que tentam dar conta das especificidades de quem representa.

Contudo, a falta de compreensão dessas diferenças gera, segundo o autor "o preconceito" e o "choque", os quais "[...] são formas concretas de não compreender as mudanças culturais de um determinado sistema" (LARRAIA, 2008, p. 101). Ainda hoje o preconceito é a pior manifestação contrária à diversidade cultural, muitas vezes culminando na discriminação e até na violência.

Na perspectiva da diferença e da pluralidade, o hibridismo consolida a questão de a cultura ser um conceito aberto e constituída pela diferença, segundo Lynn (2004). Além disso, a partir de (BHABHA apud LYNN, 2004), hibridismo é entendido como um modo de conhecimento, um processo para compreender a tensão que acompanha qualquer transformação social sem fechá-la em si mesma. Dessa forma Bhabha e Lynn estabelecem relações importantes do ponto de vista social. Mesmo o primeiro tendo um olhar voltado ao discurso colonial e a todas as suas implicações, o hibridismo está além dessa questão, através dele é possível olhar a diversidade cultural e a não fixidez e a estabilidade das identidades e por consequência das culturas, independentemente do processo histórico de formação delas.

Em relação ao Brasil, essa discussão retoma a questão da não existência de uma única cultura, conforme Bosi (2003, p. 7) aponta:

> Ocorre, porém, que não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um "efeito de sentido", resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço.

Por consequência, percebe-se que a cultura brasileira é em sua essência plural e híbrida. Também se identifica a necessidade de se reconhecer o outro enquanto sujeito, a fim de não haver dificuldades no convívio, indo além, conforme Souza e Fleuri (2003, p. 60-61) apresentam: "É nesse vaivém entre uma coisa e outra que se abre a fronteira cultural do hibridismo na história. [...] é perceptível o hibridismo que anuncia o desejo de um outro lugar, as superação das relações bipolares de exploração [...]".

A partir da perspectiva apresentada, acredita-se que as manifestações culturais precisam ser revistas, pois esse entendimento do que somos é fundamental para que as relações sociais sejam melhores compreendidas e vividas. O passado é essencial na constituição da formação do sujeito, mas ter clareza de que jamais será o mesmo o tempo, as mesmas ideias e as mesmas relações também é fundamental. Assim, as discussões a respeito de hibridismo e diversidade cultural tentam dar conta desse outro olhar para a sociedade, em toda sua complexidade.

2 ANÁLISE DOS TEXTOS DE SIMÕES LOPES NETO

Dentro da obra simoneana, a opção pelo conto *O negro Bonifácio* (NB) e a lenda *O Negrinho do Pastoreio* (NP)[2] se deu inicialmente por serem textos que têm como

[2] A fim de facilitar o encaminhamento da discussão, será usada a sigla NB que se refere ao conto O *negro Bonifácio* e NP à lenda *O Negrinho do Pastoreio*.

personagens principais pessoas negras, o que não acontece nos demais, ainda que entre um conto e outro haja personagens secundários negros. Por serem destoantes dos demais podem provocar uma reflexão a esse respeito agora, já que até hoje não se atingiu a plenitude das discussões em relação à raça, principalmente no Brasil, e de que forma a sociedade ao longo da história reagiu a esse respeito. Sobretudo, sabe-se que a sociedade brasileira ainda é preconceituosa, mas por um preconceito velado, uma vez que ignora a miscigenação, por exemplo (DAMATTA, 2011).

O escritor pelotense nasceu e viveu no período em que o país passava por uma série de transformações sociais – entre a Independência e a Abolição da Escravatura. JSLN esteve presente num dos períodos mais impactantes socialmente para o Brasil, em razão disso, provavelmente, na infância, na estância da família, conviveu com escravos, na vida adulta pode conviver com negros livres. Dessa forma, através de sua experiência pode dar vida a personagens negros a fim de sinalizar seu entendimento em relação à escravidão e o papel do negro na sociedade pelotense e sul-rio-grandense da época.

Tendo como base o que Todorov (1983) apontou a respeito do *eu* e do *outro* e que já fora tratado, ao analisar as obras simoneanas em questão, em NB é possível identificar a existência da relação entre o *eu* (Bonifácio) e o *outro* (demais personagens) a começar pela existência do personagem principal enquanto sujeito, inicialmente pelo fato de ter nome próprio – Bonifácio (nome de origem latina, que significa "aquele que faz o bem"[3]) mas também pelo narrador descrevê-lo por meio de qualidades e defeitos ("taura"; "caipora"; "maleva"; "Era um condenado!"; "pachola"; "Era um governo, o negro!"; "era ginetaço!")[4]

[3] Segundo informações coletadas no site: www.significado.origem.nom.br/nomes/bonifacio.htm. Acessado em 4 de ago. 2013.

[4] LOPES NETO, João Simões. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul.** O texto e a sua história. SCHLEE, Aldyr Garcia (Org.). Vol. I. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Unisinos, 2006a, p. 53-60. LOPES NETO, João Simões. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul.** O arcabouço crítico. SCHLEE, Aldyr Garcia (Org.). Vol. II. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Unisinos, 2006b. Com base no Glossário dessa obra, entende-se por "taura" como "forte, valente, destemido"; "caipora" é "dito de pessoa sem sorte, azarada"; por "maleva" entende-se que é "dito de pessoa de mau viver, de má conduta" ; "pachola" é "dito de indivíduo presumido, presunçoso, pedante – excessivamente enfeitado e ataviado no trajar"; e por "era ginetaço!" entende-se que é "dito de excelente e hábil ginete, ótimo cavaleiro". João Simões Lopes Neto *op. cit.,* Vol. 2, 2006, p. 239, 267, 276, 286 e 309.

de um homem que oscila entre as virtudes e as falhas, mas que provavelmente se tornou dessa forma em razão das necessidades sociais e econômicas da época e da região.

Os motivos pelos quais influenciaram na personalidade de Bonifácio (ser homem que vive essa dualidade) podem ser analisados a partir do trecho em destaque, o qual aponta que independente do resultado final da corrida, já estava prevista uma trapaça:

> O negro – era ginetaço! – deu de rédea no lobuno, que virou direito, nos dois pés, e já lhe cravou as chilenas, grandes como um pires, e saiu escaramuçando, meio ladeado!
> Os quatro brancos se olharam...; o Nadico estava esverdeado como defunto passado...
> A Tudinha pegou logo a caturritar, e a cousa foi passando, como esquecida.
> Mas, quê!... **o negro estava jurado**...
> Escuite.
> Entraram na cancha os parelheiros, todos pisando na ponta do casco mui bem compostos e lindos, de se lavar com um bochecho d'água.
> Fizeram as partidas; largaram; correram; ganhou, de fiador, o do Nadico, o tordilho. Depois rompeu um vozereio, a gente desparramou-se parecia um formigueiro desmanchado; as parcerias se juntaram, uns pagavam, uns questionavam... mas tudo se foi arreglando em ordem, porque ninguém foi capaz de apontar o mau jogo (LOPES NETO, 2006a, p. 56) (Grifo da autora).

O fato de Bonifácio "estar jurado", mesmo que no conto não se aponte o motivo diretamente, percebe-se que o negro, de uma forma ou de outras seria prejudicado, ainda que ou até mesmo pelos "parelheiros" que estavam "mui bem compostos e lindos". A sequência do conto culminará na briga generalizada que iniciou entre Nadico e Bonifácio, após o negro ter pagado a aposta à Tudinha, já que havia perdido a corrida:

> No barulho das saúdes e das caçoadas, quando todos se divertiam, foi que apareceu aquele negro excomungado, para aguar o pagode. Esbarrou o cavalo na frente do bolicho; trazia na mão um lenço de sequilhos, que estendeu à Tudinha: havia perdido, pagava...
> [...]
> E estendeu-lhe o braço, oferecendo o atado de doces.
> Aqui, o Nadico manoteou e no soflagrante sopesou a trouxinha e sampou com ela na cara do muçum.
> [...]
> Num pensamento o negro boleou a perna, descascou o facão e se veio!... (LOPES NETO, 2006a, p. 57).

Acredita-se que o final já é sabido, Bonifácio morre após brigar com 19 homens, mata o Nadico e a mãe de Tudinha, após receber da "velha" uma chaleira de água fervente do chimarrão e de a Tudinha cegar-lhe os olhos e cortar o baixo ventre. Isso tudo ocorreu porque a jovem contou mais tarde que Bonifácio teria sido seu primeiro homem, mas que em razão da morte do Nadico – seu principal pretendente – ou pela morte da mãe, ou ainda pelo ciúmes que Bonifácio provocou à moça ao levar uma outra companhia à corrida, ela terminou por matá-lo daquela forma, sem piedade.

A discussão sobre a relação entre o *eu* e o *outro* nesse conto ela se conclui, inicialmente, na medida em que a vida de Bonifácio é tirada em razão de todas as outras, mesmo não sendo ele o provocador de fato da briga, o qual seria Nadico, tomado pelo ciúmes em resposta à atitude de Bonifácio ao pagar a aposta da corrida à Tudinha. Além disso, percebe-se que Bonifácio tenta se sentir parte daquele espaço, daquele grupo, mas o mesmo não o deseja ali, a ponto de jurá-lo de qualquer forma. Assim, percebe-se que se analisar essa questão por um outro olhar, tem-se o *eu* (Tudinha, Nadico, demais personagens) e *outro* (Bonifácio), e com isso, identifica-se o quanto o *eu,* de alguma forma, apenas tolera o *outro,* não levando em consideração a pessoa que ele é. Pode-se pensar com isso a intenção do escritor pelotense em chamar a atenção para essa realidade social provavelmente muito vista no dia a dia da sociedade brasileira.

A respeito dessa questão em NP, constatou-se que o *eu* não é reconhecido como sujeito, esse apresentado através do personagem principal da lenda – o Negrinho, cujo nome é Negrinho mesmo, como se aponta no trecho:

> Só para três viventes ele olhava nos olhos: era para o filho, menino cargoso como uma mosca, para um baio cabos-negros, que era o seu parrelheiro de confiança, e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão e a quem todos chamavam somente o – Negrinho (LOPES NETO, 2006a, p. 236).

Contudo, o final trágico novamente evoca uma outra forma de perceber a existência do outro, quando, após o estancieiro ter colocado o corpo do menino no formigueiro para que as formigas comessem sua carne e seus ossos, e o homem ter sonhando por três noites

seguidas a mesma cena, ele retornou até o formigueiro e viu o Negrinho em pé, vivo, junto dos cavalos perdidos e de Nossa Senhora – madrinha do Negrinho. Ao ver o menino vivo, o estancieiro caiu de joelhos, conforme segue:

> A peonada bateu o campo, porém ninguém achou a tropilha e nem o rastro. Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do escravo. Qual foi o seu grande espanto, quando chegado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho em pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas o cobriam ainda!... O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavalo baio e ali junto, a tropilha dos trinta tordilhos... e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a têm viu a Virgem Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo (LOPES NETO, 2006a, p. 241).

Mesmo vendo o Negrinho ao lado de Nossa Senhora ou acreditando que o escravinho estava vivo, dificilmente o estancieiro perceberia o menino de outra forma, mais humana, menos cruel, menos autoritária. O estancieiro é o retrato do indivíduo que deseja e vive pelo poder, pela ganância e pela falta de respeito ao *outro*. Nesse sentido, até pode-se pensar que o Negrinho enquanto sujeito poderia ou desejaria ver o estancieiro sem ser seu dono, mas era uma realidade nunca vivida por ele, a qual estava muito distante de sua realidade tão fechada e condenada aos mandos do patrão.

O ponto seguinte a ser discutido é a respeito das relações de poder existentes nos textos. Em NB, ela existe na medida em que a trapaça na corrida ocorre, mas quem perdeu foi o negro, não decorrendo maiores problemas, além de os organizadores da competição oferecem bebidas a todos para amenizar os ânimos: “E foi-se tomar um vinho que os donos da carreira ofereceram, como gaúchos de alma grande, principalmente o major Terêncio, que era o perdedor” (LOPES NETO, 2006a, p. 56).

A forma como Bonifácio morreu também foi a partir das relações de poder, seja entre brancos e negros, seja entre ricos e pobres, ambas situações recorrentes no conto, pois Tudinha era filha bastarda de do capitão Pereirinha “estancieiro, que ali, no Guarás, tinha mais de não sei quantas léguas de campo de lei, povoado” (LOPES NETO, 2006a, p. 54);

e a parelha foi organizada pelo major Terêncio, pelo fato de ser militar, também tinha posses.

A respeito das relações de poder em NP, elas são ainda mais claras por se tratar de um escravo e criança, o trecho que segue apresenta Negrinho e suas atividades:

> A este não deram padrinhos nem nome: por isso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Senhora Nossa, que é madrinha de quem não a tem.
> Todas as madrugadas o Negrinho galopeava o parelheiro baio, depois conduzia os avios do chimarrão e à tarde sofria os maus tratos do menino, que judiava e se ria (LOPES NETO, 2006a, p. 240).

Nesse caso, além do fato do menino ser escravo e de todas as implicações a esse respeito, ele ainda sofria diariamente maus tratos realizados pelo filho do estancieiro. Mas também se constata que Negrinho perdeu ou nunca teve contato com a cultura de seu povo, como também recebeu/aceitou por madrinha Nossa Senhora, vinda de uma religião ocidental, diferentemente de sua origem, a qual não o negou, protegendo-o dos perigos e medos vividos. O que se comprova com outro trecho em que Negrinho fala da pena que receberia se perdesse a corrida: "– Valha-me a Virgem madrinha, Nossa Senhora! Gemia o Negrinho. Se o sete-léguas perde, o meu senhor me mata! Hip! hip! hip!... (LOPES NETO, 2006a, p. 237).

Sobre o aspecto da diversidade cultural, tem-se que JSLN sabia da diversidade cultural formadora da cultura gaúcha, pois a releitura que o escritor faz do linguajar gaúcho é a partir do recorte entre as culturas: uruguaia, argentina e brasileira, que também se faz presente em toda sua obra ao tentar retratar, através de uma realidade específica geograficamente, temas sociais comuns do homem daquele tempo. É claro que essa diversidade é marcada por dicotomias, no sentido de que quem não pertence à cultura dominante paga por isso, no caso, paga com a vida. Na lenda, sabe-se que o Negrinho, após ser devorado pelas formigas, recebeu uma nova tarefa, a de ajudar quem perde seus objetos, nesse sentido, de percebe o papel quase que de santidade que lhe fora atribuído, provavelmente pela relação da presença de Nossa Senhora como madrinha e protetora do

menino e de toda a humanidade, segundo os preceitos cristãos. Percebe-se assim um posicionamento político e social de JSLN contra a escravidão, mesmo tendo que utilizar de argumentos da cultura dominante para tratar a esse respeito, uma vez que de outra forma poderia não obter o mesmo sucesso

Sobre o conceito de identidade, em NB, percebe-se que Tudinha e Bonifácio, personagens principais do conto, representam papéis diferentes dependendo da situação. Pois, Tudinha é descrita como jovem e bonita: "era a chinoca[5] mais candongueira[6] que havia por aqueles pagos", mas também se pode dizer que era volúvel ao chegar na corrida com mais de quatro namorados – "porque já trazia mais de quatro pelo beiço que eram dali [...]". Também gostava de festas, além de ser cativante ao conversar: "E apesar de arisca, era foliona e embuçalava um cristão, pelo só falar, tão cativo...". Porém, ela também sabia ser prepotente, ao desfazer dos sequilhos que Bonifácio quis entregar como pagamento da aposta: "– Faz favor de entregar à mamãe, sim?!...". Talvez, no final do conto, Tudinha tenha se revelado mais intensamente para a sociedade: "A Tudinha agarrada ao Nadico, com a cabeça pousando-lhe no colo, beijando-lhe os olhos embaciados e a boca já morrente [...] Tudinha mostrava mesmo que seu camote preferido era aquele, que primeiro desfeitou e cortou o negro, por causa dela...". Mas em relação a Bonifácio, ela se mostrou da seguinte forma:

> Vi então o que é uma mulher rabiosa... não há maneia nem buçal que sujeite: é peior que homem!...
> A Tudinha já não chorava, não; entre o Nadico, morto, e a velha Firmina estrebuchando, a morocha mais linda que tenho visto, saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte... e por fim, espumando e rindo-se, desatinada – bonita, sempre! -, ajoelhou-se ao lado do corpo e pegando o facão como quem finca uma estaca, tateou no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco – vancê compreende?... – e uma, duas, dez, vinte, cincoenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca... como quem quer estraçalhar uma cousa nojenta... como quem quer reduzir a mangos uma prenda que era querida e na hora odiada!... (LOPES NETO, Vol. I, 2006, p. 59).

[5] "Chinoca" é definida por "forma carinhosa de nomear uma moça na campanha sul-riograndense". João Simões Lopes Neto, *op. cit.* Vol. II, 2006, p. 247.
[6] "Candongueira" é definida por "que é cheio de manhas e que deve ser tratado com muito jeito" João Simões Lopes Neto, *op. cit.* Vol. II, 2006, p. 241.

Com relação à identidade de Bonifácio, ela está muito mais próxima de uma construção híbrida em razão se ser um negro livre num mundo de branco que precisa se adaptar a essa situação, mas que com as discussões sobre hibridismo tendem a valorizar mais o personagem e o autor, o que será tratado mais adiante.

A respeito da discussão sobre identidade, em NP e outros textos, segundo Bavaresco (2001): "Alguns personagens simonianos podem ser inseridos dentro da identidade compósita, por exemplo, o Negrinho ou Teiniaguá da Salamanca do Jarau etc. Eles expressam a mobilidade e a capacidade de transformação de nossa cultura" (p. 10). Dessa forma, percebe-se o olhar para personagens que condiziam à realidade, frutos de uma sociedade formada por etnias variadas, as quais traziam na bagagem sua cultura, sua história.

Mas a lenda também tem identidades constantes, fixas, como o papel do estancieiro, caracterizado como pessoas cruel, autoritário, ganancioso, conforme o trecho aponta: "Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante."[7] Essa diferença entre o Negrinho e o estancieiro também é identificada através das relações que o escravo tinha: com as pessoas pobres da região, os animais e a natureza em geral, Nossa Senhora e com o estancieiro e seu filho. Já o patrão não tinha relações com ninguém, estava sempre sozinho.

Faltando apenas abordar a relação do hibridismo com os textos simonianos, acredita-se que na lenda o hibridismo está presente na devoção do Negrinho por Nossa Senhora, recorrendo à religião católica – diferente da sua originalmente – a fim de ter uma referência "materna" ao fazer da mãe de Deus para os cristãos sua madrinha. Bavaresco (2001, p. 10) aponta segundo seu olhar o hibridismo na lenda ao apontar a "constante metamorfose" do Negrinho, "pois ele é, ao mesmo tempo, um homem, um ser divino e um santo", já que para Bavaresco o Negrinho assume papéis diferentes, os quais dão conta das diferentes realidades vividas pelo menino, seja enquanto escravo, seja no convívio com a natureza, seja como santo, auxiliando os que perdem seus objetos.

[7] João Simões Lopes Neto, *op. cit.* Vol. I, 2006, p. 235.

Já no caso de NB, acredita-se que o hibridismo aconteceu numa tentativa do negro se adequar àquela realidade branca. Segue abaixo a descrição de Bonifácio:

> De chapéu de aba larga, botado no cocuruto da cabeça e preso num barbicacho de borlas morrudas, passado pelo nariz; no pescoço um lenço colorado, com nó republicano; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino! (LOPES NETO, 2006a, p. 55).

Pela descrição do personagem se percebe o quanto nem ele mesmo sabia o que era, uma mistura confusa de estilos a fim de se sentir parte de um grupo que não o reconheceu como parte integrante. Dentro das discussões sobre hibridismo, o entre-lugar é o espaço que Bonifácio tentou usar para ser aceito, ele não era escravo, mas descendente provavelmente, não era branco, nem rico, então tentar parecer com a maioria foi a forma encontrada, mas infeliz, pois a sociedade não estava preparada ou não queria a sua presença ali, o que se confirma com o fato de que estava "jurado". Novamente, pode-se pensar numa crítica de JSLN à sociedade da época, à forma de aceitar os negros na cidade e como conviver com eles sem exigir uma conformidade cultural. Acredita-se que Pelotas e o Rio Grande do Sul não estavam preparados para esse tipo de pensamento, talvez não estejam ainda hoje.

3 CONCLUSÃO

Espera-se que se tenha abordado de forma lógica e diferente, na medida do possível, a respeito dos conceitos selecionados para tal tarefa, tendo como análise um recorte da obra simoneana. Além disso, a retomada desse escritor é também uma possibilidade de repensar sua literatura a partir de estudos contemporâneos a fim de propor o encontro da sociedade atual com a realidade apresentada e vivida por Simões Lopes Neto. Do ponto de vista analítico, acredita-se que os textos puderam contemplar os conceitos de forma inicial,

uma vez que a proposta deste texto é convidar e provocar os leitores a retomarem o autor gaúcho, proporcionando outros olhares ao Negrinho e ao Bonifácio. Nesse sentido, pode-se considerar um pontapé inicial a esse respeito, já que o escritor pelotense merece que mais estudos sejam realizados, sobretudo por uma obra inédita que aborda a infância e a educação.

Culturalmente, a literatura é uma antiga forma de manifestação cultural capaz de perpetuar um texto. JSNL apontou em seu discurso que a verdadeira literatura começa pela literatura do interior, pelas histórias que fazem parte do cotidiano do campo, naquele momento; ao trazer essa ideia ao presente, é hora de olhar para a literatura das minorias, do povo que não foi reconhecido como sujeito, que ainda é o negro, o pobre, a mulher, a criança, mesmo 100 anos depois. Olhar novamente para a literatura regionalista com um olhar atualizado é abrir caminho para o entendimento da literatura que se tem hoje e aquele que se deseja para amanhã, rica, diversificada, híbrida e brasileira.

Acredita-se que JSLN tenha razão no sentido de compreender a literatura gaúcha maior que a existente no Rio Grande do Sul, mas que é plural e relevante para a compreensão da realidade que se vive atualmente. Da mesma forma que do ponto de vista brasileiro é mais uma que forma a multiplicidade da cultura brasileira, não promovendo o caos, mas mais uma opção de apresentar a realidade, fala e vida dos brasileiros.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Tensos reconhecimentos da diversidade cultural. In: _____. **Outros Sujeitos.** Outras Pedagogias. Editora Vozes, 2012, p. 109-117.

BAVARESCO, Agemir. **O núcleo ético-metafísico da lenda do Negrinho do Pastoreio, de João Simões Lopes Neto.** 2001, p. 1-16. Disponível em: http://www.faustolevandoski.com.br/ asafti/ trabalhos/ Agemir%20Bavaresco.pdf. Acessado em: 4 de ago. 2013.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** O regionalismo como programa. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 232-243.

_____ (org.). Plural, mas não caótico. In: _____. **Cultura brasileira:** Temas e Situações. São Paulo: Ática, 2003, p. 7-15.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011.

FLEURI, Reinaldo Matias e SOUZA, Maria Izabel Porto de. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). **Educação Intercultural:** mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 53-84.

FISCHER, Luís Augusto. O regionalismo e o primeiro grande autor. In: _____. **Literatura Gaúcha.** Porto Alegre: Leitura XXI, 2004, p. 57-65.

LYNN, Mario T. Menezes de Souza. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org.). **Margens da cultura:** mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Bomtempo, 2004, p. 113-133.

LOPES NETO, João Simões. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul.** O texto e a sua história. SCHLEE, Aldyr Garcia (Org.). Vol. I. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Unisinos, 2006a.

_____ **Contos Gauchescos e Lendas do Sul.** O arcabouço crítico. SCHLEE, Aldyr Garcia (Org.). Vol. II. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Unisinos, 2006b.

TODOROV, Tzvetan. A descoberta da América. In: **A conquista da América:** a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In:

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 7-55.